

ALVARENGA PEIXOTO E A CRÍTICA LITERÁRIA³

Caio Cesar Esteves de Souza (USP)
caio.esteves.souza@usp.br

RESUMO

Este texto pretende apresentar um pequeno resumo da relação entre a crítica literária brasileira e a poesia atribuída a Inácio José de Alvarenga Peixoto, poeta luso-brasileiro do período colonial que atuou como um dos líderes da Inconfidência Mineira. É uma apresentação limitada, na medida em que apenas desenvolve um pequeno panorama muito fragmentado dessa relação, que foi expandido em pesquisas posteriores. Sendo assim, optei por uma abordagem que deixasse marcadas as limitações do texto, a começar pelo uso da primeira pessoa do singular, evidenciando se tratar do relato de um processo investigativo, e não de uma análise já concluída. O intuito é apresentar questões pertinentes à reflexão proposta, não respondê-las.

Palavras-chave: Alvarenga Peixoto. Crítica literária. Limitações do texto.

Pensei em iniciar esta apresentação explicitando o seu caráter improvável e deslocado. Improvável, se considerarmos quantos de nós, estudantes de pós-graduação na área de letras, de fato lemos algum poema ou tivemos algum contato com a poesia atribuída a Alvarenga Peixoto. Particularmente, eu soube de sua existência em uma conversa com o meu orientador, o Prof. Dr. João Adolfo Hansen, enquanto tomávamos um café no intervalo de uma aula. Depois disso, me interessei e fui procurar mais sobre o poeta, mas nunca mais voltei a ouvir o seu nome dentro da USP ou de qualquer outra universidade.

Improvável, também, por ser um estudante do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da USP, que conta com 23 professores cadastrados, dos quais apenas um se dedica aos estudos coloniais. Não aponto a improbabilidade para tentar elevar a

³ Este texto é fruto do projeto de mestrado “Alvarenga Peixoto e(m) seu tempo”, sob orientação do Prof. Dr. João Adolfo Hansen, e foi desenvolvido com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Atualmente, o projeto é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

importância do que digo, mas apenas para que vocês entendam a partir de onde a minha pesquisa fala. Disse, também, que a minha apresentação é deslocada. Isso tem duas razões simples: em primeiro lugar, ela se dá em um congresso cujo foco são as áreas de filologia e linguística. Se, por um lado, a minha pesquisa se aproximará muito da primeira área em fases futuras, por outro, ela se distancia grandemente da segunda. Além disso, falo numa sala ao lado de apresentações muito interessantes, com o foco nas letras dos séculos XX e XXI, diante das quais o que digo parece se referir a uma pré-história muito distante.

Portanto, tendo em vista esse lugar particular de enunciação, creio ser importante apresentar o poeta, antes de falar da sua recepção. Sabemos que Alvarenga Peixoto nasceu em 1744 (embora haja algumas controvérsias que indicariam seu nascimento um ano antes) aqui, no Rio de Janeiro, onde teria estudado no Colégio dos Jesuítas. Com a expulsão da Ordem por Pombal, Alvarenga partiria para Coimbra, onde se formou em Leis. Após exercer um período de magistratura em Sintra, teria sido nomeado Ouvidor do Rio das Mortes, em 1775, voltando para o Brasil. Em Vila Rica, se envolveu com Bárbara Heliodora e, em 1779, teve uma filha ilegítima, Maria Ifigênia, que causou a ira na população local, forçando os dois a se casarem em 1781. Durante sua infância e a vida em Portugal, Alvarenga Peixoto teria feito amizade com Basílio da Gama e, em Vila Rica, aproximou-se muito de Tomás Antônio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa. A primeira amizade legou um soneto, publicado na primeira edição de *O Uruguai*, em 1769, cujo *incipit* é “Entro pelo Uruguai: vejo a cultura”. A outra, teria criado o ambiente para a Inconfidência Mineira, vinte anos depois. Alvarenga Peixoto é preso em 1789 como um dos líderes da conjuração. Três anos depois, foi condenado à morte, mas teve sua pena comutada a degredo em Angola. No entanto, só sobreviveu seis meses em África. Dessa vida cheia de lacunas, nos restaram quase quarenta poemas: trinta e três estabelecidos pela edição crítica de Manuel Rodrigues Lapa e outros cinco recentemente descobertos por Francisco Topa. Desses, apenas três teriam sido publicados em vida.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

Com esses elementos, não é difícil imaginarmos que o século XIX o retratou como um nacionalista impetuoso que foi injustificado pelo destino. De fato, as apresentações de sua poesia, durante todo o século, desde o *Parnaso Brasileiro*, do Cônego Januário da Cunha Barbosa, em 1829, têm como marco principal um forte biografismo no qual a adjetivação de “poeta” com o termo “inconfidente” acaba dizendo mais do que os poemas em si. Barbosa louva o seu “feliz engenho”, acompanhado de “nobre eloquência” e do fato de ser “rico em conhecimentos” (BARBOSA, 1832, p. 4). Pereira da Silva, em 1843, inicia a vasta tradição de definir a poesia de Alvarenga Peixoto pelo que ela não é, afirmando que “seus sonetos não têm o delicado pensamento (...) dos sonetos de Claudio Manuel da Costa” e que “suas poesias ligeiras não correm musicalmente (...) [como a] dos versos de Thomaz Antonio Gonzaga” (SILVA, 1843, p. 331).

Em 1840, Francisco Adolfo de Varnhagen, em seu *Florilégio da Poesia Brasileira*, indica a possibilidade de Alvarenga Peixoto ser o autor das *Cartas Chilenas*, devido a algumas características recorrentes em seus outros poemas e na obra mencionada. Apesar de improcedente, essa afirmação gerou uma polêmica que resistiu até boa parte do século XX, levando autores de peso como Manuel Bandeira e Rodrigues Lapa a se pronunciarem sobre o tema.

Apenas em 1865 é feita uma compilação de todos os poemas atribuídos a Alvarenga Peixoto, feita por Joaquim Norberto de Sousa e Silva. Essa compilação é precedida por uma longa nota biográfica, largamente amparada nos processos da inconfidência e na intenção de Norberto de mostrar que “a pátria e a posteridade (...) vingam seu nome da infâmia a que votaram a sua memória, colocando-lhe o busto no panteão das letras brasileiras” (SILVA, 1865, p. 60). É, evidentemente, uma abordagem marcada pelo tempo, mas não podemos diminuir o seu mérito numa época em que nada com maior fôlego havia sido produzido acerca do poeta.

Durante todo o século XIX, é possível vermos a abordagem nacionalista muito marcada, desde os autores já mencionados, até

outros mais conhecidos hoje, como José Veríssimo e Sílvio Romero, que diz que “o brasileiro de Peixoto era ativo, militante” (ROMERO, 1888, p. 279). Essa leitura, no entanto, não se encerra com a chegada do século XX, causando uma sensação de prolongamento do século XIX até muito além dos 100 anos a que tradicionalmente é resumido.

Antonio Cândido de Mello e Souza, em meados do século XX, emite um juízo que será retomado por diversos outros críticos literários respeitados atualmente, como Alfredo Bosi e José Adalberto Castello. Segundo Candido: “Perfeitamente enquadrado na lição arcádica, Alvarenga Peixoto escreve como quem se exercita, aplicando fórmulas com talento mediano e versejando por desfascio. Por isso é mediana a qualidade de quase todos os seus poemas”. (SOUZA, 2012, p. 114)

Dessa apreciação, o que fica claro é que nada em Alvarenga Peixoto valeria a leitura, já que não passa da mediania de uma época também mediana.

Quais seriam os pressupostos dessa leitura? Qual tipo de critério Antonio Candido emprega para afirmar de forma tão contundente a mediania de Alvarenga Peixoto? Mais adiante, sua afirmação fica ainda mais contundente, como podemos notar nesse trecho: “Mas, só quando aparecem poetas capazes de superar a estrita preocupação *ilustrada* e comunicar no verso a beleza do mundo e a emoção dos seres, é que esta geração alcançará verdadeiramente a poesia(...)”. (SOUZA, 2012, p. 117)

Candido diz que os juízos produzidos na sua Formação da Literatura Brasileira – originalmente publicada em 1957 – são “fundado sobretudo no gosto” (SOUZA, 2012, p. 12). Dessa forma, não são propriamente estéticos, mas opiniáticos. Sabemos que o gosto tem suas bases em conceitos estéticos, mas seria o suficiente para estabelecer um juízo propriamente crítico? O livro de Antonio Candido é, de fato, muito bom dentro do que se pretende, mas suas bases são problemáticas. Mais problemático ainda é insistir em segui-las ainda hoje, quando tanta coisa já foi produzida a partir e sobre esse método crítico. No entanto, não são poucos

que seguem essa leitura, mais pelo conforto de se sustentar pelo senso comum, que por um processo de reflexão ativa acerca de seus procedimentos críticos.

Apesar da continuação até os dias atuais dessa abordagem opiniática, romântica e teleológica de Candido e seus seguidores, outros estudiosos se pronunciaram sobre o tema sem se limitarem a repetir clichês críticos. Um deles é Manuel Rodrigues Lapa que, em 1960, escreveu o mais completo estudo biográfico sobre o autor, publicado com o título *Vida e Obra de Alvarenga Peixoto*. Além disso, Lapa reeditou todos os poemas conhecidos e alguns inéditos atribuídos ao autor, acompanhados de uma série de cartas e documentos jurídicos que comprovam suas leituras biográficas.

No entanto, o *corpus* propriamente poético ainda se encontrava pouco estudado. Lapa segue uma leitura biografista, que entende o poema como escrita sobre o vivido, ignorando o que há de ficção e arte retórica neles.

Uma abordagem menos anacrônica só seria possível a partir dos estudos feitos por João Adolfo Hansen que, em seu livro *A Sátira e o Engenho*, dedicado aos poemas atribuídos a Gregório de Matos e Guerra, inicia os estudos das práticas de representação seiscentistas (e, posteriormente, quinhentistas e setecentistas) lusobrasileiras tendo em mente os gêneros poéticos e retóricos que emulam. Em vez de pensar em termos de *antecipação* da literatura romântica, Hansen propõe pensarmos em *emulação* das autoridades retóricas dos gêneros aos quais esses poetas se dedicavam, desde os gregos e romanos, até seus contemporâneos.

Em seu texto intitulado “Ilustração católica, pastoral árcade & civilização”, publicado em 2004, João Adolfo Hansen afirma que “a principal finalidade da poesia da ‘Ilustração católica’ é o *docere*. Praticamente todos os poetas desse tempo preferem a forma dramática para realizar a função de ensino” (HANSEN, 2004, p. 36), o que é exemplificado com as líras de Gonzaga, nas quais Dirceu assume uma postura elevada e grave e expõe lições sobre temas pertinentes para Marília, que se mantém em silêncio. Essa finalidade seria justificada pela própria definição de ilustração da-

da pelo autor: “o que pode especificá-la *poeticamente* como ‘ilustração’ é o fato de reduzir drasticamente os ornatos da elocução ao adaptar gêneros, formas e estilos, como os da bucólica antiga, aos assuntos coloniais” (HANSEN, 2004, p. 16). Essa redução dos ornatos para acomodá-los ao juízo causa um movimento inverso ao esperado pela crítica romântica, já que busca se aproximar da mediania, em vez de aspirar pela novidade ou originalidade.

Outros grandes críticos seguiram e seguem essa abordagem, como Ivan Teixeira, Adma Muhana, Ricardo Martins Valle e Marcello Moreira. São poucos, em relação à massa de críticos que segue a abordagem teleológica, mas seus estudos já nos mostraram a falta de pertinência de uma abordagem anacrônica que despreze as especificidades dessas práticas de representação tão distintas das atuais. No entanto, parte da crítica literária opta por ignorá-los, dedicando-se à repetição de clichês já tão repetidos que se esvaziaram de sentido.

Deixei de fora, aqui, a vasta quantidade de historiografias literárias produzidas durante o século XX, por dois motivos básicos. Em primeiro lugar, este texto se quer curto e resumido, já que se trata de um trabalho em progresso, desenvolvido nos primeiros meses de um mestrado. Em segundo, a investigação dessa crítica nos mostra uma grande esterilidade intelectual, já que os mesmos clichês e problemas interpretativos se repetem infinitamente em suas páginas, seja naquelas do início do século passado, seja nas mais recentes, como a de Carlos Nejar, publicada em 2007. Mas essa abordagem foge às possibilidades deste pequeno texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. d. *Parnaso brasileiro ou coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas quanto já impressas*. Rio de Janeiro: Typografia Imperial e Nacional, 1832.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 44. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: Edusp, 1999.

HANSEN, João Adolfo. Ilustração católica, pastoral árcade e civilização. *Oficina do Inconfidência*, Ouro Preto/MG: Museu da Inconfidência, n. 3, p. 11-47, 2004.

LAPA, Manuel Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1888.

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. *Obras poéticas de Ignácio José de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Garnier, 1865.

SOUZA, Antônio Cândido de Mello e. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 13. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo. *Florilégio da Poesia Brasileira ou collecção das mais notaveis composições dos poetas brasileiros falecidos, contendo as biografias de muitos delles, tudo precedido de um Ensaio Histórico Sobre as Lettras no Brazil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1850.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. Brasília: Universidade de Brasília, 1963.